

EDUCAÇÃO NÃO FORMAL: CONTRIBUIÇÕES NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE UMA PROFESSORA LEIGA

LINDIANE DUARTE DA SILVA

Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, lindianeduarte1@gmail.com

PEDRO PAULO SOUZA RIOS

Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Sergipe - UFS, peudesouza@yahoo.com.br

RESUMO

Essa pesquisa, objetiva-se em refletir sobre a trajetória da educação da mulher, tendo como meio, os espaços não formais de educação e os desafios encontrados no processo de alfabetização na modalidade das classes multisseriadas. É resultante da proposta do componente curricular Processos de Alfabetização, do semestre letivo 2021.1, do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia/Campus VII. A mesma, se deu através da pesquisa qualitativa, e como método a narrativa (auto) biográfica, entendendo que ao ouvir a trajetória de vida do sujeito, o mesmo, pode rememorar os momentos que foram importantes na formação e construção da sua identidade. Ao final, conclui-se que fica evidente que há dificuldades a serem enfrentadas no processo de alfabetização, mas o/a professor/a desenvolvendo atividades com metodologias criativas e tendo comprometimento, ao final do processo, o sujeito obterá um ensino aprendizagem mais eficiente.

Palavras-chave: Alfabetização; Educação não Escolar; Educação de Mulheres; Classes Multisseriadas.

1. INTRODUÇÃO

A educação constitui-se enquanto processo formativo em que o indivíduo obtém nos espaços escolares e não escolares. Assim, é fundamental que as vivências dos sujeitos envolvidos na tarefa de aprender seja considerada. É nesse sentido, que alfabetizar crianças e adultos em espaços não formais de educação, deve ser considerado importante.

De acordo com Gohn (2009, p.32): “a educação não formal é um espaço concreto de formação com a aprendizagem de saberes para a vida em coletivos.” Pois, tais espaços, tratam-se de um ambiente de formação na qual, as pessoas têm acesso fora do ambiente formal de educação e também contribui com o ensino aprendizagem das mesmas.

E nesse processo de alfabetização, vale ressaltar, a educação das mulheres, que por muito tempo não tiveram ou, não tem acesso a educação, sendo isso, desde o princípio da história da civilização da humanidade, que muda de acordo o contexto social em que está inserida. Porém, atualmente, esse fato vem se transformando por causa da luta incessante dos movimentos feministas para que as mulheres tenham visibilidade nos distintos espaços sociais, sendo assegurado seu direito ao trabalho, a educação, dentre outros. Segundo Mendes (2018, p.133): “Insatisfeitas com hegemonia masculina, se propõem a dialogar, fazendo uma releitura do que se constitui como homem e mulher nesse contexto social, denunciando a relação desigual existente entre ambos”. Isso porque, por muito tempo apenas o homem era reconhecido, a mulher ficava privada apenas aos afazeres domésticos e ao seio familiar, e a desigualdade de gênero se perpetuava.

Diante do exposto, despertou o interesse pelo tema, por considerar importante os espaços de educação não formal para a formação intelectual do indivíduo. Com essa pesquisa, é destacada também a importância da participação das mulheres nas diversas conquistas alcançadas no processo de alfabetização, ao tempo em que fortalece a luta histórica que a mesma enfrenta para ocupar espaços, já que a formação recebida por elas, na maioria das vezes era direcionada ao lar, e poucas delas, quando tinham acesso a educação, ou eram impedidas por seus pais e companheiros. Daí a necessidade desse diálogo, tendo em vista que a educação é um direito de todos/as.

Nessa perspectiva, as inquietações pelo estudo, implica em saber, quais as contribuições dos espaços de educação não formal no processo

de alfabetização de crianças e adultos? Como se deu o acesso das mulheres à educação? Quais as dificuldades enfrentadas pelos/as professores/as em turmas multisseriadas na zona rural? Levando em consideração que as mesmas ficam distantes da cidade e não há sala suficiente para separar as turmas de acordo as etapas da educação básica. Visto que, esse processo é recorrente no Território Piemonte Norte do Itapicuru.

Abordando sobre o assunto, objetiva-se refletir sobre a trajetória da educação da mulher, tendo como meio, os espaços não formais de educação e os desafios encontrados no processo de alfabetização na modalidade das classes multisseriadas. Sendo assim, o presente trabalho, deu-se através da pesquisa qualitativa, ouvindo a narrativa de uma professora leiga, residente na Comunidade de Maria Preta, zona rural de Senhor do Bonfim – Bahia, que não teve acesso à educação superior, mas que foi alfabetizada e conseguiu alfabetizar várias crianças e adultos desta região. Assim, serão apresentados os caminhos percorridos, o aporte teórico fundamentado por autores/as que tratam sobre a temática, posteriormente os resultados alcançados, discursões e considerações finais.

2. METODOLOGIA

Os métodos são fundamentais para determinar os caminhos que o pesquisador/a escolhe para fazer a sua pesquisa. Segundo Gil (1999, p.8), a metodologia é o “caminho para se chegar a determinado fim. E método científico como o conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para se atingir o conhecimento.” Nesse sentido, são os métodos que influenciam no resultado da pesquisa, pois eles norteiam o/a pesquisador/a quais procedimentos utilizará para obter os resultados desejados com eficiência.

E a metodologia segundo Demo (1985, p.19): “Trata das formas de se fazer ciência. Cuida dos procedimentos, das ferramentas, dos caminhos. A finalidade da ciência é tratar a realidade teórica e praticamente.” Pressupondo que, através dos métodos utilizados para a realização da pesquisa, sejam facilitados os procedimentos científicos para atingir o objetivo traçado com maior eficiência e qualidade.

O trabalho se deu através da pesquisa qualitativa, na perspectiva das narrativas (auto)biográficas, que de acordo com Abrahão (2003, p. 81): “permitem, dependendo do modo como nos são relatadas, universalizar as experiências vividas nas trajetórias de nossos informantes.” Esta, permite o contato direto com o sujeito a ser pesquisado e ao ouvir

a trajetória de vida pode rememora e momentos que foram importantes na formação e construção da sua identidade.

Essa pesquisa nasce a partir das aulas ministradas no componente curricular Processos de Alfabetização, do Curso de Licenciatura em Pedagogia. Sendo que, durante o período das aulas, foram expostos os conceitos sobre a alfabetização de crianças, como também de adultos, considerando os vários espaços e as dificuldades encontradas para conseguir desenvolver tal processo.

Foi a partir das abordagens feitas durante as aulas, que se despertou o interesse em refletir sobre a trajetória da educação da mulher, tendo como meio, os espaços não formais de educação e os desafios encontrados no processo de alfabetização na modalidade das classes multisseriadas. Pensando na perspectiva de valorizar a mulher enquanto sujeito de pesquisa e o lugar onde moramos, foi escolhido uma ex professora leiga, para qual utilizaremos o nome fictício de Dulcemira, a mesma é residente uma comunidade rural do município de Senhor do Bonfim – Bahia.

A pesquisa teve como instrumento de coleta de dados, a entrevista narrativa, que permite rememorar a história de vida do sujeito baseada no contexto em que o mesmo está inserido e considerando sua experiência cotidiana. Para facilitar o entendimento da narrativa, foi utilizado um celular para gravação, logo em seguida digitada conforme a fala da entrevistada. Utilizou-se no desenvolvimento, seu nome de nascimento, o qual foi autorizado pela mesma, para ser citada no referente trabalho.

Dulcemira é casada, mãe biológica de quatro filhos, sendo dois homens, duas mulheres e uma filha adotiva. A mesma tem uma trajetória inspiradora sobre o seu processo de alfabetização, como mulher, professora e sobre os trabalhos sociais que desenvolveu e desenvolve na comunidade onde reside e nas comunidades vizinhas. Atualmente está aposentada da sua função como professora, porém a continua a sua dedicação com os trabalhos sociais voluntários, pensando no bem comum das famílias envolvidas direta e indiretamente.

3. PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO NOS ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

Alfabetização é de suma importância para o desenvolvimento do sujeito. É nesse período, que são desenvolvidas habilidades de leitura e escrita, como também, por meio da alfabetização o mesmo desenvolve a

capacidade de interação na sociedade, com experiência do seu contexto, do meio social e cultural que está inserido, devendo ser estimulados através de atividades que despertem no mesmo as habilidades cognitivas que reflitam significativamente na sua aprendizagem. Sobre a alfabetização, Soares e Batista (2005, p.24), afirmam que:

O termo alfabetização designa o ensino e o aprendizado de uma tecnologia de representação da linguagem humana, a escrita alfabético-ortográfica. O domínio dessa tecnologia envolve um conjunto de conhecimentos e procedimentos relacionados tanto ao funcionamento desse sistema de representação quanto às capacidades motoras e cognitivas para manipular os instrumentos e equipamentos de escrita.

O processo de alfabetização, geralmente ocorre nos anos iniciais da educação escolar, não necessariamente o sujeito ao entrar na escola, deverá ser alfabetizado, esse contato inicial acontecerá por meio de estímulos que o/a professor/a disponibilizará, através de músicas, jogos e brincadeiras, atividades com as cores, objetos entre outros. Ao desenvolver algumas habilidades com a leitura e a escrita na Educação Infantil, considerando também o conhecimento adquirido com a sua experiência de vida, o mesmo obtém uma facilidade maior de compreensão e assimilação, auxiliando assim, com exatidão no processo de alfabetização até o 1º ano do ensino fundamental (INEP/PNA, 2019).

Diante do exposto, é visto que para melhor eficácia no processo de alfabetização, deve ser considerada a bagagem de conhecimento que o sujeito adquiri antes de chegar a escola. Assim sendo, é possível perceber que a educação ocorre em vários lugares, de diversas maneiras, pode se obter o aprendizado, não ficando restrito apenas ao ambiente escolar, tradicionalmente conhecido como a educação formal, pois esta, exige que seja respeitada a legislação específica estabelecida pelas instituições oficiais. E para complementar esse aprendizado, é que são identificados também outros campos de aprendizagem, a educação informal e a educação não formal, que são definidos por Gohn (2016 p.60), como:

A educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados; a informal é aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização – na família, no bairro, no clube, durante o convívio com os amigos etc. –, carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados; e a

educação não formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via processos de compartilhamento de experiências, principalmente por intermédio de espaços e ações coletivas cotidianas.

A educação não formal, acontece fora do ambiente escolar, permitindo ao indivíduo adquirir conhecimentos através da sua interação com o meio social em que está inserido, que de acordo Rios (2020, p. 215), os espaços podem ser entendidos, como: “grupos e agremiações culturais, associações, empresas, hospitais e estabelecimentos de saúde, movimentos sociais, bibliotecas, brinquedotecas, centros de cultura, museus, dentre outros.” Estes, podendo ocorrer de diversas maneiras por organizações governamentais ou não governamentais que são importantes para estimular habilidades e competências que na maioria das vezes não ocorrem na educação formal.

Dessa forma, o indivíduo tem a capacidade de se expressar e lidar com situações do seu cotidiano podendo participar dessa construção, por meio dos conhecimentos adquiridos ao longo da vida, passado de geração em geração. E nesse sentido, vale ressaltar que a mulher tem uma contribuição importante nos espaços de educação, apesar da longa trajetória para alcançar a igualdade de direitos entre homens e mulheres, atualmente esse cenário vem se modificando com a participação das mesmas em vários desses espaços, sendo eles formais ou não, como veremos a seguir.

Atualmente a presença feminina em diversos os espaços tem sido cada vez mais comum, porém, por muito tempo não foi assim. Desde o século XVII, era comum as famílias serem chefiadas pelos homens, eles detinham todo o poder, como afirma Pateman (1993, p.44): “Durante séculos, a família, sob o comando da autoridade paterna tradicional, forneceu o modelo ou a metáfora para as relações de poder e autoridade de todos os tipos.”

Em consequência do sistema capitalista que foi implementado na sociedade naquele período, a mulher não tinha visibilidade, não tinha acesso à educação, ficando restrita apenas aos afazeres domésticos, cuidando do marido, dos filhos, que era a formação recebida no por seus familiares. E no Brasil, não foi diferente, quando a mulher teve acesso à educação, a mesma era voltada para a elite, para que a tornasse uma esposa competente para lidar com o lar, como ressalta Mendes (2018, p. 135):

Assim sendo, desde a tenra idade a menina da elite brasileira devia receber de sua mãe, ou responsável, uma educação que a tornasse uma boa esposa, capaz de realizar com maestria as tarefas domésticas. Sua educação, dada pelos jesuítas e franciscanos, era catequética, de modo instrutivo aprendiam, ler, escrever, contar, costurar, e fazer bordados, tornando-as aptas para governar sua casa, fazer feliz seu marido, e educar na virtude, filhos e filhas.

Diante desse contexto, é que surge a necessidade de reflexões sobre o sistema capitalista e a cultura patriarcal implementada na sociedade, que Faleiro e Farias (2017): define o patriarcado como: “um modo de organização das relações sociais cuja lógica de divisão de trabalho entre homens e mulheres direciona o que cada gênero deve e pode fazer,” E é nesse sentido que após o surgimento do movimento feminista esse modelo vai sendo estabelecido sob nova perspectiva. De acordo com Almeida (2010, p. 22): isso aconteceu “para denominar as relações desiguais de dominação dos homens sobre as mulheres.”

De acordo com Louro (1997, p. 45), na história mais recente “algumas mulheres vão fundar revistas, promover eventos, organizar-se em grupos ou núcleos de estudos.”. Desse modo, ao lutarem coletivamente, buscando meio de estudos e discutir sobre a visibilidade da mulher na educação, começaram a alcançar perante a sociedade, conquistas no que diz respeito a educação, como também nas relações sociais.

Nessa perspectiva, percebe-se que, com o passar do tempo, vem ocorrendo transformações positivas na busca pela educação, e por isso, Mendes (2018, p.139), saliente que: “Quanto mais acesso à educação formal, menos filhos tem, e nem sempre o casamento e a única meta, para boa parte das mulheres.”. Pressupondo, portanto, que com o acesso à educação a trajetória da mulher vem sendo de luta para que não fique apenas responsável pelo ambiente doméstico e cuidando da família, mas também, tenha participação na construção de uma sociedade mais justa, igualitária e democrática.

Essas mudanças permitem às mulheres, optar por ocupar outros espaços e assim contribuir com as mudanças que vem ocorrendo na sociedade. E é bem visível nos espaços de educação formal, também lidando com as dificuldades para trabalhar em classes multisseriadas, tendo que superá-las diariamente para obter uma aprendizagem que permita ao sujeito ser significativa, sendo que é algo recorrente, principalmente na

zona rural, onde os espaços de educação são inferiores as necessidades dos/as alunos/as.

4. CLASSES MULTISSERIADAS

Compreende-se, que diversos fatores ocorrem para que o ensino aprendizagem seja obtido com qualidade. E para isso, a alfabetização e letramento devem estarem simultaneamente interligadas. Dentre os fatores que são observados em alguns espaços escolares, principalmente no perímetro rural, está o modelo de ensino com as classes multisseriadas que se caracterizam, segundo o Panorama da Educação do Campo (2007, p.25), por terem: “alunos de diferentes séries e níveis em uma mesma sala de aula, independente do número de professores responsável pela classe.”

Este modelo de ensino, é bastante discutido pelos/as estudiosos/as da Educação do Campo, pois é no campo que as classes multisseriadas são mais presentes. De acordo com Caderno Educação do Campo (2007, p.21): “temos 59% dos estabelecimentos do ensino fundamental rural formados exclusivamente por turmas multisseriadas ou unidocentes, as quais concentram 24% das matrículas.”

As reflexões sobre as classes multisseriadas acontecem, porque vários desafios que influenciam no ensino aprendizagem dos/as alunos/as são encontrados. As turmas geralmente têm alunos/as de séries diferentes, o que pode dificultar o acompanhamento individual a cada um/a pelo/a professor/a, como também falta material didático adequado para isso, como aponta Junior (2009, p.36):

O professor sente dificuldade de ensinar crianças de todas as séries, o que limita a aprendizagem nas classes multisseriadas. Nesse espaço escolar, a leitura torna-se difícil devido à quase ausência de livros e bibliotecas. Além disto, as atividades extraclasses não são realizadas, porque as crianças frequentemente trabalham na lavoura.

Além dessas dificuldades, outras podem ser encontradas, como a formação dos/as professores/as. Há deficiência na formação adequada, existe pouco incentivo por meio de políticas públicas, Nesse sentido, para que estes/as tenham uma capacitação adequada para trabalhar com esse público, pois deve ser considerado o contexto em que o/a aluno/a está inserido/a, como ressalta Oliveira e Oliveira (p. 233): “É preciso que essa

relação de alternância de saberes se construa de forma articulada com a realidade dos alunos.” Sendo assim, é através dessa troca de saberes, que será fortalecido o processo de ensino aprendizagem e o nível de alfabetização ocorrerá de maneira satisfatória.

Deste modo, fica evidente que dificuldades são encontradas pelos professores/as que atuam nessa modalidade de ensino, tanto para eles/as, como para os/as alunos/as, é difícil alcançar com eficiência uma aprendizagem significativa, pois vários fatores impedem que o processo de alfabetização e letramento ocorra, por isso é necessário que o/a docente seja valorizado/a e políticas públicas sejam implementadas para melhores condições de trabalho.

5. PROFESSORA LEIGA E OS DESAFIOS DA ALFABETIZAÇÃO EM CLASSES MULTISSERIADAS

Dulcemira nasceu e se criou na roça. Chegou a comunidade onde mora, perímetro rural de Senhor do Bonfim – Bahia no dia 22 de abril de 1972, local onde reside até então. Iniciou seu processo de alfabetização com sua tia, em casa, pois a mesma já alfabetizava outras crianças, depois foi estudar da primeira à quarta série em outras localidades próximas.

A mesma conta, que não foi fácil conseguir ser alfabetizada, morava na zona rural, na época não tinha escola nem professores/as disponíveis para ensiná-la. Segundo ela:

A dificuldade que a gente tinha era de aonde ir pra escola, como ir, [...] para quem tá na Caraibinha pra ir sozinha não tinha como ir porque era muito longe[...] ai os meus primeiros meses eu ia sabe como? Eu ia montada num jegue, meu avô ia me levar todo dia [...] ele pegava um jumentinho, celava ai me botava na garupa e ia me levar na “escola” e ficava lá na casa do compadre Chico conversando até na hora que a Sonia soltava meninos para poder eu vim embora (risos) [...]” (DULCEMIRA, 27.05.2021).

Essa dificuldade mencionada, era porque o local onde frequentou para ser alfabetizada, ficava distante do local onde morava e não tinha transporte adequado para leva-la. Acrescentou ainda, que foi um processo demorado, “tinha essa coisa de recordar a cartilha, eu já tinha estudado um ano aí lá no outro ano teve que recordar pra saber se tinha aprendido mesmo, pra depois ir para a primeira série.”

Dentre as conquistas alcançadas pela mulher, está o acesso à educação. No Brasil foi algo conquistado bem recente, mas apesar das dificuldades enfrentadas, é possível observar que as mulheres, como afirma Mendes (2018, p. 138), estão “mais atuantes no mercado de trabalho, seja no campo formal ou informal deste, bem como nos espaços de educação formal.”

Um ponto considerado positivo em relação ao processo de alfabetização dessa narrativa, foi que, apesar das dificuldades enfrentadas para se deslocar e ser alfabetizada, o fato de ser mulher e morar na roça, a mesma teve acesso à educação, como ressalta Dulcemira: “[...] Meu pai nunca impediu de ninguém estudar [...] ele botava também os professores dentro de casa, [...] ele trazia era professor daqueles mesmo do tempo da palmatória.” Na fala mencionada por ela “do tempo da palmatória” foi no sentido de não deixar ela e os irmãos sem estudar, caso algum não tivesse interesse.

Passado esse processo de alfabetização e escolarização, por volta dos 19 anos de idade, Dulcemira começou a alfabetizar outras pessoas, pois na década de 1970, quando chegou a comunidade de onde mora, nesta, não havia muitos critérios para lecionar, era exigido apenas o curso primário, atualmente considerado Ensino Fundamental I. A mesma se preparou e a partir daí, teve sua primeira experiência em um programa de alfabetização de jovens e adultos.

Em seguida, como não havia escola pública na região, começou a dar aula particular as crianças da comunidade onde morava e das comunidades vizinhas, no período oposto às aulas com os adultos. A família que tinha recurso financeiro, contribuía com um valor simbólico, e a que não tinha, ela ensinava as crianças do mesmo jeito. Isso acontecia, devido ao número de filhos/as que na maioria das famílias eram muitos, e os pais/mães não tinham condições de pagar por todos/as.

Com o passar do tempo, já nos anos de 1980, teve a oportunidade de trabalhar como professora contratada, pelo poder público municipal. O fato se deu, através da sua participação voluntária na comunidade, a mesma ressalta: “isso já em 1982 porque eu já tinha dois anos que fazia trabalho voluntário nas comunidades e foi nesse trabalho voluntário que eu tive esse contato.” O respectivo contato com as famílias da comunidade, contribuiu para a sua contratação, pois sempre participava de atividades voluntárias, ficando conhecida por muitas pessoas da região. Apesar de não ter sido fácil, como disse ela: “pra enfrentar esse trabalho não foi fácil não, foi difícil, precisei de regassar a manga mesmo pra

poder segurar” enfrentou e ficou até conseguir se aposentar, pois o mesmo contribuía com a sua formação e também beneficiava as famílias da comunidade.

Sobre a sua formação específica para alfabetizar crianças, Dulcemira ressalta que não teve acesso. Todo conhecimento adquirido foi baseado da sua participação com os trabalhos voluntários das comunidades, começando pelos trabalhos das Comunidades Eclesiais de Base, seguido pela Pastoral da Saúde, Sindicatos dos Trabalhadores Rurais, Pastoral da Criança, e mais recente um projeto social que conciliava reforço escolar para as crianças e atividades paralelas com as mães destas. Através disso, havia muitos cursos e capacitações que a ajudaram, segundo ela:

Esses movimentos contribuíram muito, a minha faculdade foi esses movimentos que eu participei, comecei a trabalhar como alfabetizadora [...] foram me ajudando, porque todo cursinho que tinha, eu tava lá [...] já comunicava os meninos e os pais: olha eu vou porque vai ter um curso assim...assim, é benefício da comunidade, então aquele dia de aula pra mim não era perdido e nem pra eles, porque eu ia lá buscar o conhecimento para trazer para minha comunidade, tanto pra dentro da sala de aula como para a comunidade em geral (DULCEMIRA, 27.0.2021).

Diante disso, é importante reconhecer os espaços fora do ambiente da educação formal, como meio de adquirir conhecimento, como afirma, Gohn (2009), podem ser nos “extramuros escolares, nas organizações sociais, nos movimentos, nos programas de formação sobre direitos humanos, cidadania, práticas identitárias, lutas contra desigualdades e exclusões sociais.” Que o sujeito terá oportunidade de conhecer, participar e contribuir de maneira coletiva ou individual na construção de uma sociedade com mais oportunidade para todos/as.

Nesse sentido, mudanças foram ocorrendo e houve a necessidade de concluir o primeiro grau (Ensino Fundamental II), e não concluiu o segundo grau (Ensino Médio), porque foi diretamente participar de outras formações disponibilizadas para os/as professores/as leigas da época. Em seguida, teve a chance de ir para a faculdade, mas, ressaltou:

[..] juntou tanta coisa, já tinha o projeto mais avançado, eu já trabalhava na prefeitura e no projeto [...] E ai meu tempo foi assim, sempre corrido e por isso não fui para a faculdade, porque eu já me sentia cheia de muita bagagem (risos), eu sentia que o mundo já tinha me formado, era

uma responsabilidade grande mas eu já tinha passado por muito período bom de aprendizado, de lidar com pessoas, lidar com as crianças. Que desde esse tempo que eu lidava com adulto, depois com as crianças, aí pronto, daí pra cá não parei mais (DULCEMIRA, 27.05.2021).

Dentre os trabalhos voluntários desenvolvidos nas comunidades e os processos de alfabetização e capacitação pessoal, iniciou seu processo de alfabetização em sala de aula com a alfabetização de jovens e adultos e destacou que: “eu não tive muita dificuldade para alfabetizar eles, porque a gente pegou pessoas que eram todas analfabetas mesmo, mas eram pessoas simples, que tinham aquela vontade de aprender o conhecimento do dia a dia”. E nesse sentido que é apontado por Freire (1996, p. 63), que: “A leitura de mundo revela, evidentemente, a inteligência do mundo que vem cultural e socialmente se constituindo. Revela também o trabalho individual de cada sujeito no próprio processo de assimilação da inteligência do mundo.”

Sendo assim, percebe-se que a narrativa de Dulcemira converge com a citação do autor, no sentido de que os sujeitos na maioria das vezes não sabem ler, nem escrever, porém, os conhecimentos obtidos pelos mesmos, antes mesmo de chegar a sala de aula, feita através da leitura de mundo, baseada nas vivências cotidianas e no contexto em que estão inseridos, facilitam o processo de alfabetização, refletindo significativamente na sua aprendizagem e por isso estas, devem ser consideradas.

Sobre a experiência com a alfabetização de crianças ressaltou algumas dificuldades enfrentadas, pois trabalhou com as classes multisseriadas, que de acordo com Moura e Santos (2012) são: “caracterizadas pela junção de alunos de diferentes níveis de aprendizagem (normalmente agrupadas em “séries”) em uma mesma classe, geralmente submetida à responsabilidade de um único professor”. Nesse sentido, Dulcemira afirma:

Depois fui trabalhar com alfabetização de crianças, foram turmas multisseriadas, nessa tinha que saber dividir o tempo para preparar atividade pra crianças que estavam nas séries iniciais e aquelas outras que já vinham trazendo uma bagagem, que já vinham de outras escolas [...] e eu como professora tinha aquela responsabilidade de dividir as tarefas, como eu ia ensinar cada um. [...] Foi assim, toda vida trabalhei com educação infantil, primeira série, segunda série, tudo misturado, tinha que um jogo de cintura para saber lidar com essas coisas[...] (DULCEMIRA, 27.05.2021).

Mesmo diante das dificuldades enfrentadas com as classes multisseriadas, a mesma desenvolvia uma metodologia com atividades lúdicas e conseguia facilitar o processo de alfabetização, sobre isso, ressaltou:

[...] toda vida fui criativa, gostava de reciclar, gostei muito de trabalhar com essa parte de artesanato, essas coisas assim, ai eu já preparava para os mais pequenos uma atividade [...] e ali aquele grupinho já se sentava em um local enquanto eu ia trabalhar com os mais adiantados no quadro[...] (DULCEMIRA, 27.05.2021).

Nesse processo ainda tinha outras dificuldades que os/as alunos/as enfrentavam, como não tinham transporte, andavam vários quilômetros a pé, antes da aula, ajudavam a professora colocar água para fazer a merenda, afirmado por Dulcemira: “e para fazer a merenda era assim, era fogo de lenha, tinha que carregar água na cabeça [...] eu dava almoço meus filhos a ai enquanto eles estavam almoçando eu ia lá buscar a água da escola [...]”. Fica evidente, que dificuldades eram enfrentadas diariamente para concretizar o processo de alfabetização, mas que a alfabetizadora conhecia a realidade dos sujeitos, o trabalho era desenvolvido coletivamente e a mesma demonstrava disponibilidade e muito amor pela profissão, pois dividia o tempo entre a família, o lar, mas não deixava de colaborar, e isso contribuía para facilitar a aprendizagem ao final do processo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo assim, ao ouvir a narrativa da professora leiga, Dulcemira, fica evidente a importância da alfabetização adquirida através da educação não formal. Tais espaços, possibilitam a oportunidade de conhecimento para além dos muros da escola, como ela mesma se justifica, “a minha faculdade foram esses movimentos que eu participei.” E, mesmo o sujeito tendo acesso à educação formal, todos os espaços devem ser considerados como meio de adquirir conhecimento.

E, apesar de todas as dificuldades encontradas durante a trajetória da mulher para ter acesso à educação e outras conquistas, como a participação democrática na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Atualmente os espaços de trabalho, educação, estão sendo ocupados e os direitos entre homens e mulheres aos poucos estão sendo conquistados. A mulher não fica mais tanto tempo cuidando exclusivamente do lar,

do companheiro e dos/as filhos/as, estão buscando sua autonomia para poder decidir o que quer e fazer.

Ao concluir esse trabalho, fica evidente que há dificuldades a serem enfrentadas no processo de alfabetização, uma vez que as políticas públicas não chegam a todos/as com eficiência, mas o/a professor/a desenvolvendo atividades com metodologias criativas e tendo comprometimento, baseando-se no contexto em que o indivíduo esteja inserido, como também considerando os conhecimentos que o mesmo tenha antes de chegar a sala de aula, pois segundo Freire (1996, p. 63) “Respeitar a leitura de mundo do educando significa tomá-la como ponto de partida para a compreensão do papel da curiosidade, de modo geral, e da humana, de modo especial, como um dos impulsos fundantes da produção do conhecimento.” ao final do processo, o sujeito obterá um ensino aprendizagem satisfatória.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, M. H. M. B. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. **História da Educação**. ASPHE/FaE/UFPel. Pelotas 14.79-95, set. 2003. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/asphe/article/viewFile/30223/pdf>. Acesso em: 25 Jul. 2021.

ALMEIDA, J. P. de. **As multifacetadas do Patriarcado: uma análise das relações de gênero nas famílias homoafetivas**. – O autor, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/9412>. Acesso: 10 Jun. 2021.

BRASIL. **Educação do Campo: diferenças mudando paradigmas**. Cadernos SECAD 2 Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. – Brasília-DF: 2007.

BRASIL. **Panorama da educação no campo**. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. – Brasília – DF. 2007.

DEMO, P.. **Introdução à metodologia da ciência I**. Pedro Demo. -2. ed. 2. ed. -São Paulo: Atlas, 1985. Disponível em: <http://maratavarespsictics.pbworks.com/w/file/fetch/74301206/DEMO-Introducao-a-Metodologia-da-Ciencia.pdf>. Acesso: 10 Jun. 2021.

FALEIRO, W.; FARIAS, M. N. Inclusão de mulheres camponesas na universidade: entre sonhos, desafios e lutas. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 43, n. 3, p. 833-846, jul/set., 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-9702201707168124>. Acesso em: 20 Jun. 2021.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. - 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-ac-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>. Acesso: 10 Jun. 2021.

GOHN, M. da G. Educação não-formal, educador(a) social e projetos sociais de inclusão social – **Meta: Avaliação**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 28-43, jan./abr. 2009. **Disponível em:** <https://revistas.cesgranrio.org.br>. Acesso em: 28 Jul. 2021.

GOHN, M. G. Educação não formal nas instituições Sociais. **Revista Pedagógica**, Chapecó, v. 18, n. 39, p. 59-75, set./dez. 2016. Disponível em: DOI: <http://dx.doi.org/10.22196/rp.v18i39.3615>. Acesso em: 10 Jun. 2021.

INEP. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. **PNA Política Nacional de Alfabetização/Secretaria de Alfabetização**. – Brasília: MEC, SEALF, 2019.

JUNIOR, W. dos S. C. **Alfabetização na educação do campo**: relatos de professores de classes multisseriadas da ilha de Marajó. **São Paulo: 2009**.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ, Vozes, 1997. p. 14-36.

MENDES, A. M. Educação da mulher e permanência escolar: dificuldades encontradas pelas mulheres da comunidade quilombola no Povoado de Coqueiros em Mirangaba – Bahia, em sua formação escolar. *In.*: RIOS, P. P. S.; MENDES, A. M. (Org.). **Educação, gênero e Diversidade sexual**: fabricação das diferenças no espaço escolar. Curitiba: CRV, 2018.

MOURA, T. V.; SOUZA, F. J. S. A pedagogia das classes multisseriadas: Uma perspectiva contra-hegemônica às políticas de regulação do trabalho

docente. **Debates em Educação** - ISSN 2175-6600 Maceió, Vol. 4, nº 7, Jan./Jul. 2012. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br>. Acesso em: 20 Jun. 2021.

OLIVEIRA, M. R. D. de; OLIVEIRA, N. do S. da S. Classes multisseriadas: práticas, memórias e formação docente. **Revista Margens Interdisciplinar**: 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/viewFile/3070/3091>. Acesso em: 20 Jun. 2021.

PATEMAN, C. **O Contrato Sexual**. Tradução: Marta Avancini Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4403853/mod_resource/content/1/O%20Contrato%20Sexual%20-%20Carole%20Pateman.pdf. Acesso em: 07 Jun. 2021.

RIOS, P. P. S. Estágio docente em espaços não escolares: narrativas de formação no curso de Pedagogia. **Debates em Educação**, Maceió, v. 12, p. 213-231, dez. 2020. ISSN 2175-6600. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/10213>. Acesso em: 08 Jun. 2021.

SOARES, M. B; BTISTA, A. A. G. **Alfabetização e letramento: caderno do professor**. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.